

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO - FESPSP

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - FaBCi

REGINA DE ANDRADE

A CIDADE DE SÃO PAULO DE JUCA E MÁRIO DE ANDRADE

SÃO PAULO

2013

REGINA DE ANDRADE

Trabalho temático interdisciplinar
apresentado para avaliação dos docentes da
grade curricular do 1º semestre do curso de
Biblioteconomia e Ciência da Informação da
Fundação Escola de Sociologia e Política de
São Paulo.

SÃO PAULO

2013



SUMÁRIO

1.		INTRODUÇÃO
2.	E VIDA PELA CIDADE	BIOGRAFIA DE AMOR
3.	VERDADE”: MÁRIO E JUCA, JUCA E MÁRIO	“VOU CONTAR A
4.	NAIS	CONSIDERAÇÕES FI-
5.		BIBLIOGRAFIA



Trabalho Temático

A São Paulo de Juca e Mário de Andrade

1.Introdução:

O presente trabalho procurará verificar em que pontos de *Contos Novos*, principalmente os que têm o personagem principal Juca, mostram a cidade pelos olhos do autor Mário de Andrade. Em que momentos há um cruzamento da vida do personagem e de seu autor.

No livro de contos, Mário de Andrade mostra de maneira perspicaz vários lugares onde ele próprio viveu, estudou, passou férias etc. ; e qual é este olhar de Mário para esta cidade nos anos de sua vida, desde a infância (Tempo de Camisolinha, Vestida de Preto), adolescência (Vestida de Preto, Frederico Paciência) e na fase adulta (Peru de Natal). Além dos outros contos, que não são com seu “alter-ego” Juca, mas que também trabalham com lugares que Mário andava por nossa cidade (*Atrás da Catedral de Ruão* – mais conhecida como Notre Dame - comparada à Igreja de Santa Cecília, por exemplo) e cidades que ele conheceu bem: Santos e Araraquara.

Veremos como há uma fusão entre personagem e narrador e como essas vozes muitas vezes se confundem.

Ao começar este trabalho, demos grande importância ao livro da professora Ivone Daré Rabello, mas, ao ler suas referências a Anatol Rosenfeld, preferimos partir para a origem, o que enriqueceu ainda mais esta pesquisa. Além de outros textos de pesquisadores da obra de Mário de Andrade, como João Luiz Lafetá.

Todos estes textos ajudaram a elaborar este trabalho através de estudos precisos sobre a obra e vida do “pai” de Macunaíma. E como disse Anatol Rosenfeld: “herói sem caráter’, por ter caracteres demais”¹. Um autor que tinha

¹ ROSENFELD, Anatol. Mário e o cabotinismo. In: _____. *Texto. contexto*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 190.

muito amor à Pátria e a sua cidade, um incansável “relações públicas” da cultura e de todas as formas de arte e um incansável aprendiz do ser humano.

Este trabalho está dividido, depois desta introdução, nos capítulos: *Biografia de amor e vida pela cidade*: no qual falamos brevemente sobre a vida de Mário de Andrade na cidade de São Paulo e pontos principais da cidade em que viveu sua vida e suas histórias; *“Vou Contar a Verdade”*: *Mário e Juca, Juca e Mário*, as aproximações entre autor e alter-ego tanto nas histórias de vida como nos locais em que se passam os contos e *Considerações Finais* sobre o trabalho desenvolvido.

No próximo capítulo também teremos fotos de épocas próximas a do nosso autor para visualizarmos a sua São Paulo.



2. Biografia de amor e vida pela cidade

Mário Raul Moraes de Andrade nasceu na cidade de São Paulo em 1893. Sua primeira residência foi na Rua Aurora, 320 – hoje não se tem mais esta construção, no seu lugar temos uma delegacia de polícia e um posto de gasolina. Anos depois, mudou-se para o Largo do Paissandu, 26 (ao lado do famoso *Ponto Chic*, onde se come o verdadeiro Bauru, a receita original). Estes dois locais não são mencionados em *Contos Novos*, mas a redondeza onde viveu o pequeno Juca, afilhado de Nossa Senhora do Carmo: Ordem na qual fez o ensino fundamental, participou de eventos da comunidade como membro, até chegar a noviço e professor. O que parece estranho por parecer um homem do novo, do moderno e estar, mesmo assim, ligado tão fortemente à religião católica, mas como ele diz em uma carta a Carlos Drummond de Andrade:

Tudo está em gostar da vida e saber vivê-la. Só há um jeito feliz de viver a vida: é ter espírito religioso. Explico melhor: não se trata de ter espírito católico ou budista, trata-se de ter espírito religioso pra com a vida, isto é, viver com religião a vida. Eu sempre gostei muito de viver, de maneira que nenhuma manifestação da vida me é indiferente ².

Para Mário, o importante sempre foi entender, de alguma forma, o outro, como tenta fazer nos contos nos quais não temos Juca como personagem e narrador principal. Estes contos narram o outro, mas um outro que vive embates com a sociedade, pois, assim como Juca, enfrentam a sociedade. Se para a sociedade (ou seu menor núcleo, a família) Juca é o “doido”, “é doido, coitado!”, os outros personagens também sofrem algum tipo de preconceito ou mal-estar: em *O Ladrão (OL)* a vida difícil dos trabalhadores, muitos imigrantes, num bairro operário da cidade; *Atrás da Catedral de Ruão (ACR)* mostra as brincadeiras maldosas das duas adolescentes provocando em *Mademoiselle* um efeito de luta entre o desejo e o recato; em *Primeiro de Maio (PM)* o alvo de brincadeiras é 35 por querer festejar o feriado dedicado aos trabalhadores; *O Poço (OP)* narra a marginalização dos

camaradas que trabalham para um rico fazendeiro e em Nelson (N) temos uma figura que todos acreditam ser sombria e antissocial que, exatamente por isso, sofre fofocas a seu respeito.

Todos, a sua maneira, sofrem com o “é louco, coitado!”. E sofrem dentro desta que se tornaria uma imensa cidade: bairro operário (OL), região de Santa Cecília (ACR); Estação e Parque da Luz, Praça da Sé, Palácio das Indústrias e do Governo (PM); interior do estado e litoral (OP), (TC) e Alameda Triunfo (N).

Por que a escolha destes locais?

Acreditamos que Mário como bom amante da cidade em que vivia e sempre muito atento aos seus habitantes percebia onde poderia situar seus personagens de maneira a tornarem-se verdades suas histórias, onde elas realmente poderiam ter ocorrido. São Paulo crescia com a industrialização no começo do século XX e assim despontavam os primeiros bairros operários na cidade (os mais famosos desta época são os citados por Alcântara Machado no título de sua obra mais famosa: Brás, Bexiga e Barra Funda) que vemos em OL.

A região de Santa Cecília onde vivia Mademoiselle (ACR) poderia ter sido escolhida pelo número, na época, de pensões e cortiços que se encontravam ali na década de 1930. Entre a expansão dos palacetes novos havia ainda espaço para as velhas casas que eram alugadas e sublocadas.

Em Primeiro de Maio temos uma visão mais ampla do centro da cidade com as idas e vindas do 35, temos, principalmente a Estação da Luz, onde ele trabalhava como carregador e o Palácio da Indústrias onde deveria se realizar uma celebração ao dia do trabalhador, seu caminho de bonde pelo Largo da Sé. Além disso, comenta-se sobre a Estação Norte – hoje Estação Roosevelt, mais conhecida como Estação Brás e o Parque da Luz, onde 35 descansa.

Em Nelson, a então Alameda do Triunfo era onde estava o “Grupo Escolar da Alameda do Triunfo”, primeira escola em que Mário de Andrade estudou. Hoje o nome da alameda é Cleveland e a escola tem o nome de E.E. João Kopke. Será que Mário, ainda com 6 anos de idade viu passar um senhor e imaginou histórias para a vida dele?



Até aqui destacamos os locais dos personagens com suas vidas compartilhadas por Mário, agora, verificamos os locais em que Juca é o narrador e que cruza as informações com o seu criador.

Tanto vestida de preto como (VP) como em Peru de Natal não temos informações onde acontecem os fatos, mas por estes fatos sabemos se tratar de um pouco da vida de Mário de Andrade, veremos isso na próxima parte e destacamos aqui Frederico Paciência (FP) que anda pela Cantareira, pelo Largo de São Bento e Largo da Sé com seu amigo Juca. Locais próximos à moradia de Mário na época de pré-adolescente e a Cantareira, uma aventura por ser longe de suas casas, um novo lugar a ser explorado.

Em Poço assim como Tempo de Camisolinha só serão discutidos no próximo capítulo pois as histórias se passam fora da capital.

Nestes contos em terceira pessoa temos, em primeira análise, o efeito contrário, parecem não ter ligações e parecem histórias soltas. Depois irá se perceber que a ligação entre todos é terem como destaque homens comuns que estão “atomizados nas relações sociais e alienados de seus próprios desejos.”

Mário de Andrade irá falar do homem comum com seriedade, os compõe com disfarces e fragmentados, mas lhes dá atenção em momentos, chamados por Ivone Daré Rabello, de “autorrevelação”.

Ivone irá comentar sobre esse movimento de “narrador solidário” que Mário já havia trabalhado em *Os Contos de Belazarte*.

“Em contos novos, o movimento do narrador implica redimensionar o próprio poder enquanto voz. Assim, mesmo não abandonando totalmente sua posição de ordenador do mundo narrado, efetua um percurso em que elimina a distância que lhe permite narrar e elide sua voz ao representar o pensamento das personagens em plena atualidade. Como se vê, este narrador tem os olhos e a escrita que uma determinada percepção da modernidade lhe conferiu.”

E só poderiam ser de Mário de Andrade.

3. “Vou Contar a Verdade”: Mário e Juca, Juca e Mário

Depois das pesquisas feitas aqui sobre nosso autor homenageado, percebemos que muitos autores trabalhavam exatamente com essa frase acima, dita pelo narrador no começo de VP. Percebemos que os pesquisadores da obra de Mário chegaram à conclusão de que sim, Juca era Mário, pois Mário sempre foi uma pessoa verdadeira que lutava sempre pela verdade e procurava-a remontar em seus textos.

Alguns autores, como Ivone Daré Rabello acredita que a leitura de Freud tenha sido decisiva na criação destas histórias de forma a “remexer o bau do Mário”. Afinal, a Psicanálise tem esta característica: remexer o passado, remontá-lo no presente e chegar (quem sabe?) a uma rendenção futura.

A autora vê *Contos Novos* como uma obra impressionista de Mário de Andrade:

“Em ‘Conto de Natal’, o propósito moderno se tingem com as nuances de um impressionismo mal ajeitado, e a parataxe ostensiva, a eliminação de vírgulas constrata com o ranço academicista no arranjo das frases, no vocabulário que beira o preciosismo, na busca do efeito. Se a cidade moderna comparace como núcleo temático, acoplado aos motivos da multidão e do anonimato, o narrador, num passo atrás, mostra-a sob a perspectiva da degradação moral, ancorado na identificação com seu extravagante protagonista. (crifo nosso) Trata-se de ninguém menos que Cristo, de carne e osso, que visita São Paulo numa noite de Natal e não encontra mais que luxúria e individualismo.”

Há um novo tratamento do narrador nestes contos, o autor rompe com procedimentos literários e moralizantes trabalhados anteriormente. Quando mais Mário pesquisava para seus textos, mais sua linguagem se tornava única, ele a consolidava: rompe com a norma culta, com esquemas tradicionais da ficção, pois ele tem uma nova visão da realidade e da sua apresentação literária.

Para entender melhor a obra de Mário de Andrade é fundamental entender quem são as vozes que narram as situações em *Contos Novos*, é preciso delimitar as vozes em primeira pessoa e em terceira. A partir daí, discutir até que ponto podemos considerar as vozes em primeira pessoa como “depoimentos” da própria vida de Mário de Andrade. Até que ponto as situações foram realmente vividas não

só pelo narrador Juca, como pelo próprio Mário de Andrade. Juca seria um alter-ego?

A professora Ivone Daré Rabello começa citando Anatol Rosenfeld, que acredita que Contos Novos “parece uma variação de um mesmo tema: o homem disfarçado, do homem desdobrado em ser e aparência.” E isso dá unidade a obra.

As narrativas em primeira pessoa contam as memórias de um ambiente familiar, as em terceira relatam flagrantes de seres em locais e circunstâncias sociais bastante diversos. O foco narrativo vai do eu para histórias sobre outros. Quando em primeira pessoa, tentam remontar essas memórias. Mário “brinca” de alguma forma com o leitor, ele faz um jogo no qual o leitor pode ajudar a remontar essas memórias e uní-las, pois o narrador usa antecipações e repetições dos personagens. Lendo os contos, percebe-se que o personagem é o mesmo Juca, pois ele reconta fatos já narrados anteriormente, como os comentários sobre a sua mãe, seu pai, ou mesmo sobre a Rose ou sobre ele ser visto como diferente na família: “é doido, coitado!”. Esse jogo com o leitor faz com que, quando lemos, tentemos remontar quando cada fato aconteceu, por exemplo: Tempo de Camisolinha seria o primeiro, depois viria Vestida de Preto ou Frederico Paciência? Vamos entrando no jogo de Mário.

Contos novos organizam as narrativas em dois grupos e também os problematiza. Quando em 3ª pessoa, tenta-se reter um momento de revelação na vida dos personagens centrais, mesmo que não seja nada de muito importante é o momento em que algo é revelado a esse personagem (capítulo anterior).

Quando em 1ª pessoa, há um eu que reflete sobre presente e passado, tenta uni-los no momento em que procura remontar fatos ocorridos. As lembranças são a procura por uma identidade, um encontrar a si mesmo. Quando se faz isso, o passado se torna mais forte na narrativa, ela torna-se o foco narrativo do conto.

Sendo assim, percebemos que o fato de quando criança Mário ter passado férias em Santos e ter parentes em Araraquara, São Paulo, podem ter se refletido na criação de Tempo de Camisolinha e O Poço. E todos os contos em primeira pessoa reminiscências da vida de Mário.

4. Considerações Finais

Consideramos que sim, Mário quando escreve sobre Juca escreve sobre si, mesmo que tentando recontar fatos ocorridos há muito tempo e quando as coisas viram histórias elas já não são mais nossas, ou seja, a partir do momento que a colocamos no papel, ou mesmo a contamos, fazemos do nosso jeito e essa será a nossa verdade.

Aqui temos a verdade de Mário, ou as verdades de Mário e as verdades da cidade que ele tanto amou.

As imagens foram retiradas, pois não o trabalho ultrapassava o espaço no
AVA



5. Bibliografia

ANDRADE, Mário. Contos Novos. Crawfordville, Indiana, EUA. Click Editora. 1997.

ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. Mário de Andrade: Cartas de Trabalho (Correspondências). MEC – SPHAN – FN Pró-Memória, Brasília, 1981.

CÂNDIDO. Antônio. A Educação Pela Noite e Outros Ensaios. Ed. Ática, São Paulo, 3ª. Ed., 2002.

CÂNDIDO. Antônio. Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria e História Literária. Ouro Sobre o Azul, Rio de Janeiro, 2006. 9ª. Edição.

COSTA, Marta Morais da et alii. Estudos sobre o Modernismo. Edições Criar, Curitiba, 1982.

GEBRA, Fernando de Moraes. Identidades Intersubjetivas em Contos de Mário de Andrade. UFPR, Curitiba, 2009. Tese de Doutorado.

LAFETÁ, João Luiz. Mário de Andrade. Literatura Comentada. São Paulo. Nova Cultural. 1990.

RABELLO, Ivone Daré. A Caminho do Encontro: Uma leitura de Contos Novos. Ateliê Editorial, Cotia, 1999.

ROSENFELD, Anatol. Mário e o Cabotinismo. In.: Texto e Contexto. São Paulo, Editora Perspectiva, 1996, 5ª ed.

SÃO PAULO ANTIGA: <http://www.saopauloantiga.com.br/>

<http://www.jurassicos.com.br/>

<http://www.saopaulominhacidade.com.br/>

http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_23/sampa.html

<http://saudadesampa.nafoto.net/photo20091216001934.html>